

O RENEGADO KAUTSKY E O SEU DISCÍPULO

LENINE



LISTA B

1907 - "K. Kautsky: As três fontes do marxismo; obra histórica de Marx"

1913 - Lenin: "As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo"

"As três fontes do marxismo; obra histórica de Marx", por K. Kautsky apresenta um interesse histórico evidente. Kautsky era incontestavelmente o mestre do pensamento da II Internacional, e do seu mais forte partido: O partido Social-Democrata alemão. Guardiã da ortodoxia, Kautsky era quase universalmente considerado como o melhor conhecedor da obra de Marx e Engels, e como o seu intérprete privilegiado. As posições de Kautsky são pois testemunho de toda uma época do movimento operário, e merecem ser conhecidas, que mais não fosse por esse motivo. Esta conferência trata precisamente de uma questão central para o movimento

proletário: A relação entre a classe operária e a teoria revolucionária. A resposta de Kautsky dá a esta questão constitui o fundamento teórico da prática e da organização de todos os partidos que constituíam a II Internacional, e portanto do partido Social-Democrata Russo e da sua fracção bochevique, membro "ortodoxo" da sua II Internacional até 1914, quer dizer até ao seu afundamento face à 1ª Guerra Mundial.

Todavia, as teses desenvolvidas por Kautsky nesta brochura não se "afundaram" ao mesmo tempo que a II Internacional. Ao contrário, sobreviveram e constituíram o fundamento da III Internacional por intermédio do "leninismo" e das suas variantes stalinistas e trotskistas.

O leninismo, subproduto russo do kautskismo! Eis o que fará saltar aqueles que não conhecem de Kautsky senão os anátemas lançados contra ele pelo bolchevismo, e em particular a brochura de Lenin: "A derrota da II Internacional e o renegado Kautsky", e que não conhecem de Lenin senão o que conhecem nas diferentes igrejas, capelas ou sacristias que eles frequentam.

Contudo, o próprio tipo da brochura de Lenin é muito exactamente a sua relação com Kautsky. Se Lenin trata Kautsky como um renegado, é porque considera que este era anteriormente um adepto da verdadeira fé, que ele se considera agora o único defensor qualificado. Longe de criticar o "kautskismo" que se mostra incapaz de identificar, Lenin contenta-se de facto em reprovar ao seu antigo mestre de ele trair a sua própria doutrina. De todos os pontos de vista a ruptura de Lenin foi simultaneamente tardia e superficial. Tardia porque Lenin alimentou as maiores ilusões sobre a social-democracia alemã, e não a compreendeu senão depois de a "traição" estar consumada. Superficial porque Lenin se limita a romper nas questões do imperialismo e da guerra, sem remontar às causas profundas da traição social-democrata de Agosto de 1914 ligada à própria natureza destes partidos e das suas relações tanto com a sociedade como com o proletariado. Estas relações devem elas próprias ser integradas no próprio movimento do capital e da classe operária, e compreendidas como fases do desenvolvimento do proletariado, e não como qualquer coisa susceptível de ser modificada pela vontade de uma minoria, nem tão pouco duma direcção revolucionária, por muito consciente que ela seja.

Daí a importância actual das teses que Kautsky desenvolve nesta brochura de maneira particularmente coerente, e que constitui o proprio tecido do seu pensamento ao longo da sua vida, e que Lenine retoma e desenvolve desde 1900, nos "Objectivos imediatos do nosso movimento" e depois no "Que Fazer" em 1902, onde, aliás, cita longa e elogiosamente Kautsky. Em 1903 Lenine retomará de novo estas concepções em "As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo" onde desenvolve os mesmos temas retomando por vezes palavra por palavra o texto de Kautsky.

Estas teses apoiadas numa análise histórica superficial e sumária das relações de Marx e Engels, tanto com o movimento intelectual da sua época como com o movimento operário, podem resumir-se em poucas palavras, e algumas citações bastarão para esclarecer o essencial:

"...um movimento operário espontâneo e desprovido de qualquer teoria surgido nas classes trabalhadoras contra o capitalismo em desenvolvimento, é incapaz de realizar...o trabalho revolucionário."

Por isso é necessário realizar o que Kautsky chama: "a união do movimento operário e do socialismo,"

Ora: "A consciência socialista de hoje(!?) não pode surgir senão na base de um profundo conhecimento científico...Ora o portador da ciência não é o proletariado, mas os intelectuais burgueses;...assim, portanto, a consciência socialista é um elemento trazido do exterior à luta de classes do proletariado e não qualquer que surgisse espontaneamente". Estas palavras de Kautsky são, segundo Lenine, "profundamente justas".

É evidente que esta união tão desejada do movimento operário e do socialismo não podia realizar-se da mesma maneira nas condições alemãs e nas condições russas. Mas é importante ver que as divergências profundas do bolchevismo no terreno organizacional não resultam de concepções diferentes, mas unicamente da aplicação dos mesmos princípios em situações políticas, económicas e sociais diferentes.

De facto, longe de conduzir a uma união cada vez maior do movimento operário e do socialismo, a social-democracia não conduziu senão a uma união sempre crescente com o capital e com a burguesia. Quanto ao bolchevismo, depois de ter existido na Revolução Russa como o peixe na água ("os revolucionários estão na revolução como o peixe na água") e em virtude da derrota desta, conduziu a uma fusão quase completa com o capital estatal gerido por uma burocracia totalitária.

No entanto, o "leninismo" continua a dominar a consciência de muitos revolucionários com maior ou menor boa vontade à procura de uma receita susceptível de vencer. Persuadidos de ser a "vanguarda" porque têm a "consciência" quando não possuem senão uma consciência falsa eles militam para unirem estes dois monstros metafísicos que são "Um movimento operário espontâneo, desprovido de toda a teoria" e uma consciência socialista desincarnada.

Esta atitude é simplesmente voluntarista. Ora se, como dizia Lenine "a ironia e a paciência são as principais qualidades do revolucionário", "a impaciência é fonte do oportunismo" Trotsky. O intelectual, teórico revolucionário não tem que preocupar-se em ligar-se às massas porque se a sua teoria é revolucionária,

ele está ligado já às massas. Não tem que "escolher o campo do proletariado (não é Sartre/que utiliza este vocabulário, é Lenine) porque, para falar com propriedade ele não tem escolha. A crítica teórica e prática de que ele é portador é determinada pela relação que mantém com a sociedade. Não pode libertar-se dessa paixão senão submetendo-se-lhe (Marx). Se ele "tem de escolher" é porque já não é revolucionário, e a sua crítica está putrefacta. O problema da penetração das ideias revolucionárias que ele partilha em meio operário está por isso mesmo transformado: quando as condições históricas, a relação de forças entre as classes em luta, principalmente determinada pelo movimento autonomizado do capital, interditam qualquer irrupção revolucionária do proletariado na cena da história, o intelectual faz como o operário: o que pode. Estuda, escreve,

faz conhecer os seus trabalhos o melhor possível, geralmente bastane mal. Quando estudava British Museum, Marx, produto do movimento histórico do movimento histórico do proletariado, estava ligado, senão aos trabalhadores, pelo menos ao movimento histórico do proletariado. Ele não estava mais isolado dos trabalhadores do que não importa que trabalhador o está ele próprio dos outros, na medida em que as condições do momento limitam as suas relações às que o capitalismo permite

Pelo contrário logo que o proletariado se constitui em classe e declara de uma maneira ou de outra, guerra ao capital (e ele não necessita nada que lhe levem o Saber para o fazer não sendo ele próprio, nas relações de produção capitalistas, senão capital variável, basta que queira modificar um pouco que seja a sua condição para se colocar imediatamente no cerne do problema enquanto que o intelectual para o atingir terá alguma dificuldade) o revolucionário não está nem mais nem menos ligado ao proletariado do que já estava. Mas então a crítica teórica funde-se com a crítica prática, não porque a trouxeram do exterior mas porque ambas são uma só e mesma coisa. Se no período precedente o intelectual teve a fraqueza de acreditar que o proletariado permanecia passivo porque lhe faltava a "consciência" e se se convenceu de ser a "vanguarda" a ponto de querer dirigir o proletariado, então esperam-no amargas decepções.

É no entanto esta concepção o essencial do leninismo, e o que demonstra a história ambigua do bolchevismo. Estas concepções não se puderam manter senão porquê a revolução russa falhou, quer dizer porque a relação de forças à escala internacional entre o capital e o proletariado não permitiam a este ultimo fazer-lhes a crítica prática e teórica.

É o que tentaremos mostrar analisando sumariamente o que se passou na Russia e o papel real do bolchevismo. Ao pretender ver nos círculos revolucionários russos o fruto da "união do movimento operário e do socialismo", Lenine enganou-se redondamente. Os revolucionários organizados em grupos social-democratas não traziam qualquer "consciência" ao proletariado bem entendido, uma exposição ou um artigo teórico sobre o marxismo eram muito uteis aos operários: não serviam para dar a consciência, o conhecimento da luta de classes, mas somente para precisar as coisas, para reflectir melhor. Lenine não compreendia esta realidade. Não sómente pretendia levar à classe operária conhecimento da necessidade do socialismo em geral, mas pretendia igualmente dar-lhe palavras de ordem imperativas exprimindo

do o que ela deve fazer em determinado momento , Isto é aliás normal já que o partido de Lenine , depositário da consciencia de classe , é primeiro o unico capaz de discernir o interesse geral da classe operária para lá de todas as suas divisões em diversas camadas , e segundo , o unico capaz de analisar permanentemente a situação e de formular as palavras de ordem adequadas. Ora a revolução de 1905 iria de mostrar a incapacidade pratica do partido bolchevique em dirigir a classe operaria e revelar o traso do partido de vanguarda. Todos os historiadores, mesmo os favoráveis aos bolcheviques, reconhecem que em 1905 o partido nada compreendeu dos sovietes. O aparecimento de novas formas de organização suscita a desconfiança dos bolcheviques: Lenine afirma que os sovietes não eram " nem um parlamento operario nem um órgão de auto-governo proletário". O importante é verificar que os operarios russos não sabiam que iam constituir sovietes. Uma pequena minoria de entre eles conhecia a experiencia da Comuna de Paris, e no entanto eles criaram um embrião de Estado proletario apesar de ninguem os ter educado.

A tese kautskysta-leninista nega de facto todo o poder de criação original à classe operaria desde que não seja guiada pelo partido-fusão-do-movimento operario e- do- socialismo. Ora, verifica-se que em 1905, retomando a frase das "teses de Feuerbach", " o educador tem necessidade ele proprio de ser educado".

No entanto, Lenine cumpriu um trabalho revolucionário(a sua posição sobre a guerra, entre outras) ao contrario de Kautsky. Mas na realidade Lenine não foi revolucionário senão contra a sua teoria da consciencia de classe. Tomemos o caso . da sua acção entre Fevereiro e Outubro de 1917. Lenine tinha trabalhado mais de 15 anos(desde 1900) para criar uma organização de vanguarda realizando a "união do socialismo" e do " movimento operario", reagrupando os "chefes politicos", " os representantes da vanguarda incapazes de organizar o movimento e de o dirigir". Ora em 1917 , tal como em 1905, esta direcção, representada pelo comité central do partido bolchevique, mostra-se abaixo das tarefas do momento, atrasada face à actividade revolucionária do proletariado. Todos os historiadores, compreendendo os estalinistas e os trotskystas, mostram que Lenine teve de travar um longo e dificil combate contra a direcção da sua propria organização para fazer triunfar as suas teses. E só pode vencer apoiando-se nos operarios do partido, na verdadeira vanguarda organizada nas fábricas no interior e à volta dos grupos social-democratas. Dir-se-à que tudo isto seria impossivel sem a actividade tida pelos bolcheviques desde há anos quer ao nivel das lutas quotidianas dos operarios quer na defesa e na propaganda das ideias revolucionárias. Efectivamente, a grande maioria dos bolcheviques, e em primeiro lugar Lenine, pela sua propaganda e agitação incessante para a insurreicção de Outubro de 1917. Como militantes revolucionários tiveram um papel eficaz; mas como " direcção da classe", vanguarda da classe" estiveram atrasados em relação ao proletariado. A revolução russa realizou-se contra as ideias do "Que fazer" E na medida em essas ideias foram applicadas(criação dum órgão dirigente da classe operaria mas separado dela), revelaram-se um freio e um obstáculo à revolução. Em 1905 , Lenine está atrasado face à historia porque se prende às teses do "Que fazer". Em 1917, Lenine participa no movimento real das massas russas e ao fazê-lo rejeita--na sua pratica--a concepção desenvolvida no "Que fazer".

X X

Se aplicarmos a Kautsky e a Lenine o tratamento inverso do que eles aplicam a Marx, se ligarmos as suas concepções à luta de classes em vez de as separar dela, o kautskismo-leninismo aparece como característica de todo um período da história do movimento operário dominada antes de mais pela II Internacional. Depois de se ter desenvolvido e organizado o proletariado encontrase desde o fim do século XIX numa situação contraditória. Possui diversas organizações cujo fim é fazer a revolução e ao mesmo tempo é incapaz de a fazer porque as condições ainda não estão maduras. O kautskismo-leninismo é a expressão e a solução desta contradição. Postulando que o proletariado deve passar pela escola do conhecimento científico para ser revolucionário, consagra e justifica a existência de organizações que enquadrem, dirijam e controlem o proletariado.

Como já assinalamos, o caso de Lenine é mais complexo que o de Kautsky, na medida em que Lenine foi, numa parte da sua vida, revolucionário contra o kautskismo-leninismo. Aliás, a situação da Rússia era totalmente diferente da da Alemanha, que possuía um regime de quase democracia burguesa e em que existia um movimento operário fortemente desenvolvido e integrado no sistema. Na Rússia, ao contrário, era preciso construir tudo, não a questão de participar em actividades parlamentares burguesas e sindicais reformistas que não existiam. Nestas condições, Lenine podia adoptar uma posição revolucionária apesar das suas ideias kautskistas.

É preciso assinalar no entanto que ele considerou até à guerra mundial a social democracia alemã como um modelo.

Nas suas histórias revistas e corrigidas do leninismo, os stalinistas e os trotskistas mostram-nos um Lenine lúcido que compreende bem e denuncia antes de 1914 a "traição" da social democracia e da Internacional. Isso não passa de uma lenda e seria preciso estudar bem a história da III Internacional para mostrar que não somente Lenine não denunciava como não tinha compreendido em nada, antes da guerra, os fenómenos da degenerescência social democrata. Antes de 1914 Lenine fez mesmo o elogio do partido social democrata alemão por ter sabido reunir o "movimento operário" e o "socialismo" (cf. "Que fazer?"). Citemos somente estas linhas extraídas do artigo necrológico "Augusto Bebel" (que contém aliás várias erros de detalhe e de fundo sobre a vida desse "dirigente", desse "modelo de chefe operário" e sobre a história da II Internacional).

"As bases da tática parlamentar da social democracia alemã (e internacional), que não cede um passo aos inimigos, que não deixa passar a menor possibilidade de obter um melhoramento, por muito fraco que seja para os operários, que se mostra ao mesmo tempo intransigente no plano dos princípios" (...1) em Agosto de 1913. Quando um ano mais tarde ele acreditou que o número de vorwarts (órgão do partido social democrata alemão), que anunciava o voto dos cregidos de guerra pelos deputados sociais democratas, era um número falso fabricado pelo estado-maior alemão, ele revelava somente as ilusões que tinha alimentado desde há muito tempo, de facto desde 1900-1902, desde o "Que fazer?", sobre a internacional em geral e a social democracia alemã em particular. (Não tratamos aqui da atitude de outros revolucionários face a estas questões, Rosa Luxemburgo por exemplo. Este problema necessita dum estudo profundo).

Vimos como Lenine abandonara na prática as teses do "Que fazer?" em 1917. Mas a imaturidade da luta de classes à escala mundial, e em particular a ausência da revolução na Europa, provoca a derrota da revolução russa. Os bolcheviques encontram-se no poder com a tarefa de "administrar" a Rússia (Lenine), de realizar as tarefas da revolução burguesa que não pôde ter tido lugar, quer dizer assegurar de facto o desenvolvimento da economia russa, não podendo esse desenvolvimento deixar de ser capitalista. Meter a classe operária na ordem -- e as oposições no partido -- torna-se o objectivo essencial. Lenine que não tinha rejeitado o "Que Fazer?" explicitamente em 1917, retoma imediatamente as concepções "leninistas", únicas que permitem o enquadramento "necessário" dos operários. Os centralistas-democratas, a Oposição Operária e o Grupo Operário são esmagados por terem negado o "papel dirigente do partido". A teoria leninista do partido é igualmente imposta à III Internacional. Após a morte de Lenine, Zinoviev, Staline, e outros, iriam desenvolver-na insistindo cada vez mais na "disciplina de ferro", na "unidade de pensamento e de acção": porque o princípio em que assentava a Internacional stalinizada era o mesmo em que se baseavam os partidos socialistas reformistas (o partido separado dos trabalhadores trazendo-lhes a consciência de si próprios), quem quer que recusasse a teoria leninista-stalinista caía no "marasmo oportunista, social-democrata, menchevique..." Por seu lado, os trotsquistas apogavam-se ao pensamento de Lenine e recitavam o "Que Fazer?". A crise da humanidade não é mais do que a "crise da direcção", dizia Trotsky: era pois preciso criar a tudo o custo uma direcção. Supremo idealismo, a história do mundo era explicada pela crise da sua consciência.

Definitivo, o stalinismo não iria triunfar senão nos países em que o desenvolvimento do capitalismo não podia ser assegurado pela burguesia não estando reunidas as condições para que o movimento operário o pudesse destruir. Na Europa do Leste, na China, em Cuba, formou-se um grupo dirigente novo, composto de quadros do movimento operário burocratizado, de antigos especialistas ou técnicos burgueses, por vezes de quadros do exército ou de antigos estudantes integrados na nova ordem social como na China. Em última análise, um tal processo não era possível senão em virtude da fraqueza do movimento operário. Na China, por exemplo, a camada social motora da revolução foi o campesinato, incapaz de se dirigir a si próprio, não podia deixar de ser dirigido pelo "partido". Antes da tomada do poder, este grupo organizado no partido dirige as massas e as "regiões libertadas" se as há. Em seguida toma nas mãos o conjunto da vida social do país. Por outro lado as teses de Lenine foram um forte factor burocrático. Para Lenine, a direcção do movimento operário era uma função específica assegurada por chefes, organizados separadamente do movimento e cujo papel é apenas esse.

A medida em que precunizavam um corpo separado de revolucionários profissionais guiando as massas, o leninismo serviu de justificação ideológica à formação de direcções separadas dos trabalhadores. Nesta fase, o leninismo, tirado do seu contexto original já não é mais do que uma técnica de enquadramento das massas e uma ideologia justificando a burocracia e defendendo o capitalismo: a sua recuperação era uma necessidade histórica para o desenvolvimento

destas novas formações sociais que representam elas próprias uma necessidade histórica para o desenvolvimento do capital. À medida que o capitalismo se expande e domina o planeta inteiro, as condições de possibilidade da revolução amadurecem. A ideologia leninista começa a ter feito o seu tempo--em todos os sentidos da expressão.

É impossível examinar o problema do partido sem o ligar às condições históricas em que este debate nasceu: em todos os casos se bem que sob formas diferentes o desenvolvimento da ideologia leninista deveu-se à impossibilidade da revolução proletária. Se a história deu razão ao kautskismo-leninismo, se os seus adversários nunca se puderam nem organizar duravelmente nem mesmo apresentar uma crítica coerente, isso não se deve ao acaso: o sucesso do kautskismo-leninismo é um produto da nossa época e os primeiros ataques sérios--práticos-- contra ele marcam o fim de todo um período histórico. É necessário para o fazer que o M.P.C. se desenvolva amplamente à escala mundial. A revolução húngara de 1956 foi o toque de fim de todo um período de contra-revolução, mas também de amadurecimento revolucionário. Ninguém sabe quando é que este período será definitivamente ultrapassado mas é certo que a crítica das teses de Kautsky e Lenine produtos dessa época, é possível e necessária. As condições que permitiram o desenvolvimento e o progresso de organizações tipo social-democrata ou bolchevique estão hoje ultrapassadas. Quanto à ideologia leninista, além da sua utilização pelos burocratas, no poder, logo de servir aos grupos "revolucionários" que a reclamam para a "união do socialismo e do movimento operário", só pode servir a partir de agora para cimentar > manter provisoriamente a união entre intelectuais medíocres e trabalhadores mediocrementemente revolucionários.